

O desejo de permanecer vivo após a morte

Na infância Igo, era tímido. Enquanto outras crianças brincavam no intervalo, ele tentava se esconder para não apanhar. Na vida adulta, não teve sucesso no trabalho, nem com as garotas. Essa poderia ser apenas a história de um rapaz inseguro devido aos traumas de infância. Mas a iniciativa que Igor tomou foi radical. Contou seu drama num site da internet e anunciou que queria se matar. Pediu aos internautas sugestões de como cometer um suicídio sem dor.

As manifestações dos leitores foram as mais diversas. Alguns pediram para que ele pensasse melhor e enxergasse os aspectos positivos da vida. Outros foram mais durões: disseram que ele já deveria ter superado as inseguranças da infância. Uma pequena parcela não questionou as crenças de Igor. Deram ideias do que seria uma morte rápida e eficiente. Mas quem Igor decidiu ouvir, ninguém sabe.

Com uma rápida pesquisa na internet, é possível constatar que muita gente prefere se abrir com estranhos virtuais, em vez de pedir socorro a familiares, amigos e profissionais da saúde. Conforme os especialistas, é uma tendência da modernidade que as pessoas deixem de conversar com pessoas para revelar seus pensamentos mais íntimos à tela do computador. O psiquiatra Neury Botega afirma que essa exposição pode ir além da vontade de extinguir a própria vida. "Pode ser um desejo de permanecer 'vivo' após a morte", reflete.

acompanhamento psicológico constante também é indispensável. "É bem perigoso tentar virar a página, esquecer, abandonar ou não comparecer ao tratamento proposto. Isso porque, depois de um tempo, diante de novas adversidades, a tentativa de suicídio pode ocorrer novamente", alerta Neury.

Mundialmente, a mortalidade por suicídio aumentou 60% nos últimos 45 anos. Nesse período, os maiores números mudaram da faixa mais idosa da população para as faixas mais jovens. Na maioria dos países, o suicídio está entre as dez principais causas de morte e entre as duas ou três mais frequentes entre adolescentes e adultos jovens. Para cada óbito por suicídio há, no mínimo, cinco ou seis pessoas próximas ao morto que têm suas vidas profundamente afetadas emocional, social e economicamente.

O coeficiente de mortalidade por suicídio no Brasil, de 4,5 por 100 mil habitantes, é considerado relativamente baixo numa escala mundial – em Santa Catarina o coeficiente é de 7,42. Mas em certas cidades e regiões, e em alguns grupos populacionais (como, por exemplo, o de jovens em grandes cidades, o de indígenas do Centro-Oeste e do Norte e entre lavradores do interior do Rio Grande do Sul), as cifras se aproximam ou superam a de países do leste europeu e da Escandinávia.

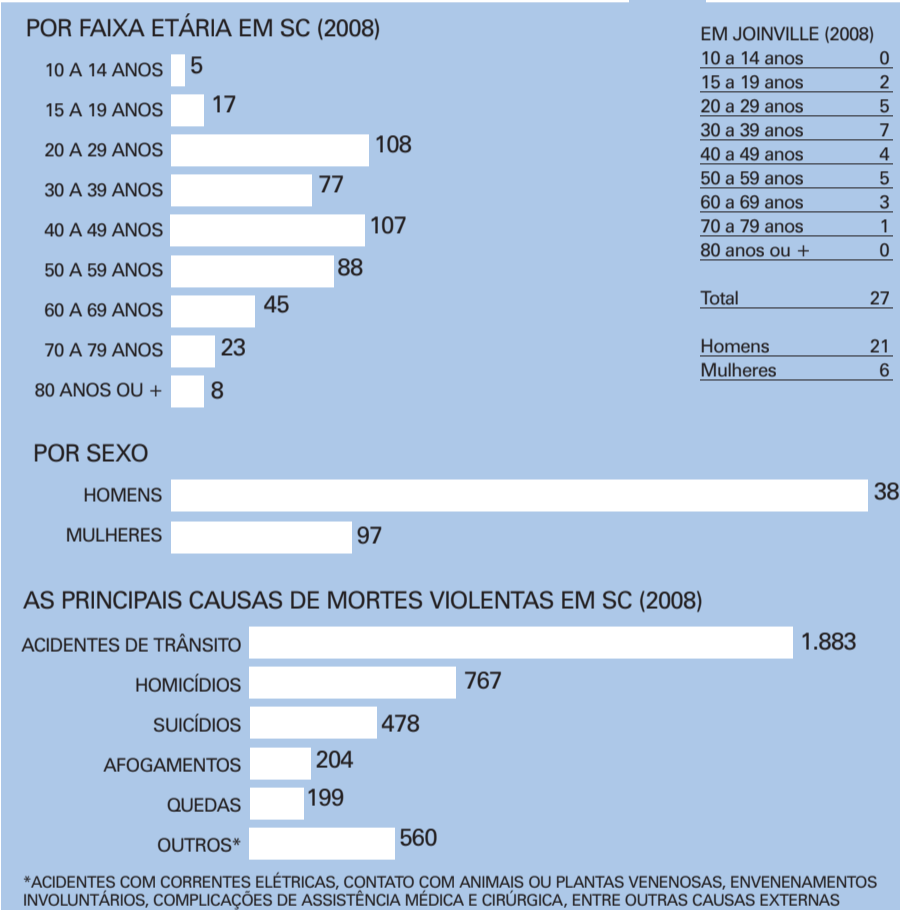
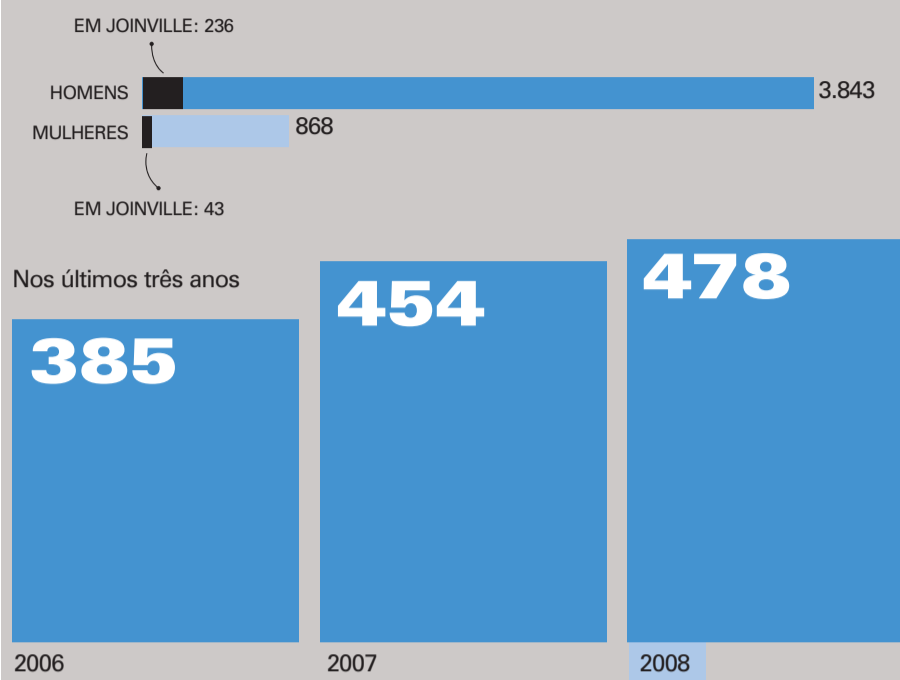
O risco do "contágio" existe sim

Quando leitores e telespectadores leem ou veem uma reportagem sobre suicídio, nem imaginam a discussão que há nos bastidores. Jornalistas se questionam sobre qual é a melhor maneira de abordar o tema. O cuidado na maneira de informar sem dar detalhes sobre métodos e causas. No Brasil, os manuais de redação orientam que só se publique a notícia quando o autor da tentativa tenha vida pública e o objetivo seja alertar a sociedade para o problema.

O desafio é evitar o que os especialistas chamam de "contágio". E o que melhor exemplifica o "contágio" é o "Efeito Werther", nome do personagem do romance "Os Sofrimentos do Jovem Werther", de Johann Goethe, do século 18. Na história, Werther se mata devido a um amor não correspondido. Na época houve muitos suicídios parecidos com o do protagonista do livro. Fatos como este é que motivam tanta preocupação em tratar reponsavelmente o tema.

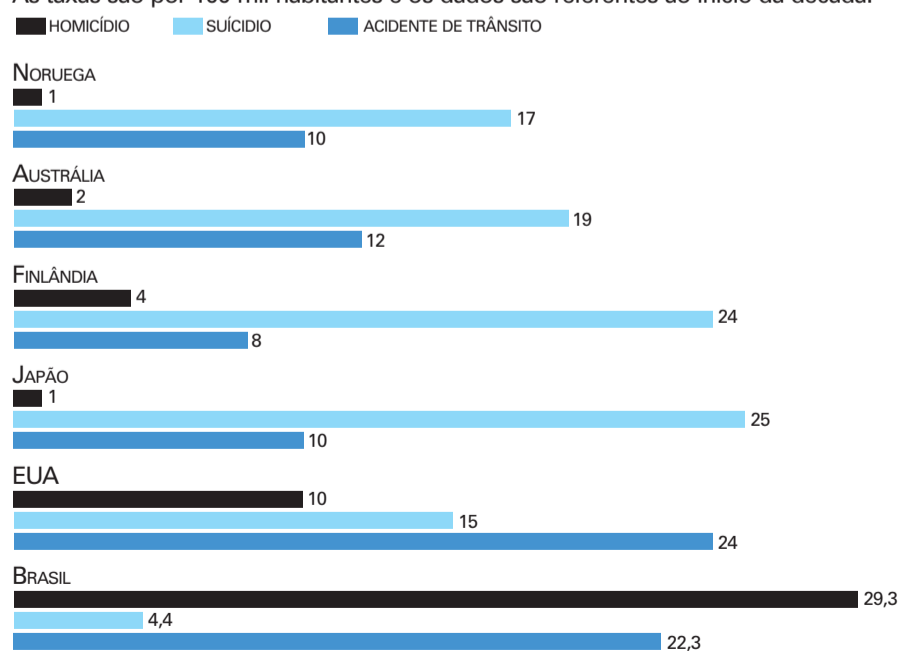
4.711 suicídios

ocorreram no Estado entre 1998 e 2008. Desses, 279 foram em Joinville. 2001 foi um ano marcante. Foram 463 mortes, número maior que o dos homicídios.



COEFICIENTES DE MORTALIDADE

As taxas são por 100 mil habitantes e os dados são referentes ao início da década.



FONTES: NEURY BOTEGA, PSIQUIATRA E PROFESSOR DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)/ SISTEMA DE INFORMAÇÃO DE MORTALIDADE (SIMI), DA SECRETARIA ESTADUAL DE SAÚDE DE SANTA CATARINA.

UMA VOZ QUE SALVA AO TELEFONE

Muita gente pensa em dar fim à própria vida e não tem a chance de falar nem de ser ouvido antes de cometer o ato desesperado. A impossibilidade de se abrir com alguém pode ser um empurrão para quem pensa em suicídio. E se não for possível conversar com um familiar, uma amiga ou um profissional da saúde, é bom saber que existe um serviço oferecido por telefone, gratuitamente, 24 horas por dia, que ajuda a salvar pessoas de uma tragédia.

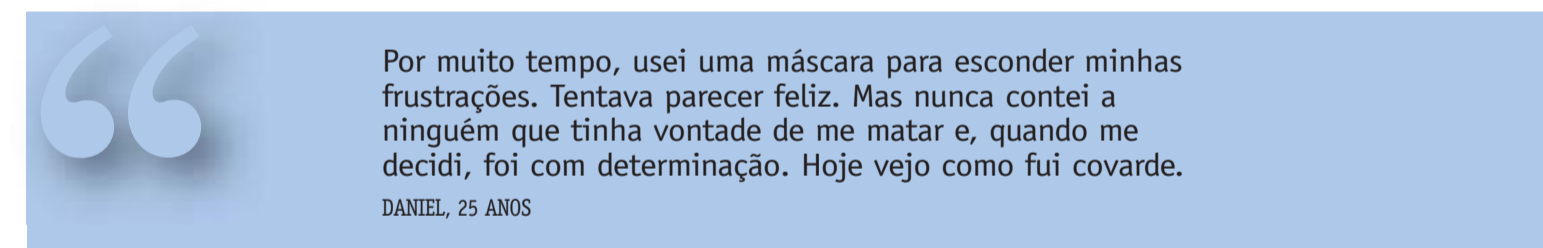
O Centro de Valorização da Vida (CVV) é um verdadeiro salva-vidas. Não solicita nenhum tipo de informação de quem telefona, trabalhando com sigilo absoluto em relação a tudo o que é dito por quem os procura. Atua na prevenção do suicídio por meio do apoio emocional com disponibilidade para conversar com quem precisa.

"Acreditamos que se a pessoa está atravessando uma situação considerada insuportável e busca ajuda, é um sinal de que deseja ser compreendida e aceita. Esta ação de movimento em direção à ajuda é a demonstração que ainda existe vontade de continuar lutando pela vida", explica uma voluntária. Ela também acredita que é fundamental a veiculação de informações sobre prevenção do suicídio.

O CVV é formado por voluntários preparados para desenvolver diálogos compreensivos. A filosofia de trabalho que conduz este diálogo é pautada na compreensão, respeito, aceitação e confiança. "A postura do voluntário é a de conversar. É um espaço que se abre para o outro falar sobre medos, aflições, vergonhas, limitações, enfim, tudo que o impulsiona a pensar em romper com a vida."

Quem telefona para o CVV está cansado de ouvir: "Deixa de besteira", ou "você está brincando, né?". O fato de a pessoa verbalizar o que sente sem se sentir pressionada provoca uma mudança na sua percepção e ela começa a vislumbrar novos caminhos e alternativas, sentindo-se valorizada ao conversar com alguém que quer escutá-la.

A voluntária do CVV acredita que, sempre que seus colegas conseguem estabelecer um diálogo construtivo com aquele que procura o serviço, conseguem reforçar a vontade de viver da pessoa. Nos períodos próximos ao Natal e virada de ano, o CVV recebe ligações agradecendo a disponibilidade dos voluntários ao longo do ano. Frases do tipo "Eu estou vivo e ligando para vocês porque vocês me aceitaram do jeito que eu sou. Obrigada", são bem comuns.



Difícil lição de vida

Daniel* tem 25 anos. Usa piercings, tem tatuagens, gosta de se vestir de acordo com a moda e adora sair com os amigos. Mas a sua história nem sempre teve essa alegria. Na adolescência, viveu dramas relacionados à sexualidade, fez tratamento para emagrecer e enfrentou, com os pais, graves problemas financeiros. Aos 14 anos, sentia-se sufocado por não conseguir falar com a família. Tudo piorava quando se olhava no espelho e enxergava um menino ridicularizado pelos colegas na escola.

Foi aí que sentiu-se atacado por uma tristeza tão profunda que o transformou, como ele mesmo define, em uma pessoa egoísta e sem amor. Só pensava em colocar um ponto final no sofrimento. Planejou a própria morte com a frieza de um homicida. Foi a

mãe quem o encontrou inconsciente e o levou para o hospital. Depois de tudo, a família se aproximou dele para tentar compreender o que estava acontecendo e um tratamento psicológico o ajudou a se libertar de tanta dor.

"Por muito tempo, usei uma máscara para esconder minhas frustrações. Tentava parecer feliz. Mas nunca contei a ninguém que tinha vontade de me matar e, quando me decidi, foi com determinação. Hoje, vejo como fui covarde. Me arrependo da tentativa de suicídio."

Na opinião de Daniel, os pais, a escola e a sociedade deveriam discutir mais o assunto para aprenderem a identificar e ajudar um potencial suicida. "Eu fui salvo e aprendi a dar valor a vida", diz.

* Nome fictício.

DOCUMENTÁRIO

A ponte Golden Gate, que corta a baía de São Francisco, é um ponto turístico americano. Mas é também o lugar do mundo com o maior número de suicídios. O diretor Eric Steel registrou diariamente, em 2004, o cotidiano do cartão-postal. Flagrou mais de 20 suicídios. Além de filmar o ato, o diretor foi atrás de depoimentos de familiares e amigos dos suicidas para tentar entender os motivos de tal atitude.

CVV EM SANTA CATARINA

Posto CVV Blumenau
141 ou (47) 3329-4111

Posto CVV Criciúma
141 ou (48) 3439-0222

Posto CVV Florianópolis
141 ou (48) 3222-4111

O serviço está disponível 24 horas por dia, todos os dias do ano. Durante o dia, existe o apoio pessoal gratuito em que a pessoa vai até o posto para receber atendimento. Os endereços podem ser obtidos no www.cvv.org.br ou pelos telefones acima.